



Greetings from the tropics!



**INTERNATIONAL
WEEK OF 2020
ANTI-IMPERIALIST
STRUGGLE**

DIFFERENT SHIPS
SAME DESTRUCTION

WE ARE NOT FOR SALE!

Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos (Vijay Prashad)

Fábio Alexandre Tardelli Filho¹

Esse é o terceiro livro de Vijay Prashad, grande comunista indiano, que leio em menos de 1 ano². E afirmo com tranquilidade que estou, novamente, diante de um material de imensa qualidade e muito bem estruturado do ponto de vista documental e conteúdo. Mas não é para menos, pois esse camarada é um dos comunistas mais proativos que temos no século XXI: Diretor do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, editor chefe da *LeftWord books* da Índia, correspondente da *Globetrotter* e além da quantidade imensa de *lives* com camaradas de todos os cantos³ e uma variedade de artigos publicados, estamos diante do tipo de companheiro que transpira práxis revolucionária.

1 Professor de História na rede pública estadual de São Paulo. Mestre em Educação pela UFSCar-Sorocaba. Editor e fundador do *podcast Prolecast* e do Núcleo de professores Joseph Rivier. Membro da APEOESP-Sorocaba e colunista da revista virtual InsideA5.

2 Todos os materiais publicados pela parceria entre Expressão Popular e Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, dois livros: *Estrela Vermelha sobre o terceiro mundo* (2019) e *Balas de Washington* (2020) e o capítulo que escreveu em: *Ao camarada Lenin em seu 150 aniversário* (2020).

3 Em junho, por exemplo, estive em *live* com pessoal brasileiro do fórum Popular da Natureza e entre ali e aqui estive em *lives* com companheiros de Venezuela, Bolívia e outros países.

Se em *Estrela Vermelha sobre o terceiro mundo* (2019) Prashad nos deu uma aula sobre a História do comunismo na Ásia e, principalmente, nas regiões da Índia, Paquistão e China. Agora, em *Balas de Washington* (2020), temos uma análise global dos golpes de estado, assassinatos e violações de direitos humanos orquestradas pelo imperialismo capitalista e seu braço a CIA.

Qual o preço da bala de um assassino? Alguns dólares aqui e acolá. O custo da bala. O custo de uma corrida de taxi, um hotel, um avião, o preço para contratar o assassino, seu silêncio comprado através de um pagamento em banco suíço, o custo psicológico por ele ter tirado a vida de uma, duas, três ou quatro pessoas. Mas o maior custo não é pago pelos serviços de inteligência. O maior custo é pago pelo povo. Pois nesses assassinatos, nesses homicídios, nessa violência intimidatória é o povo que perde seus líderes, um líder camponês, um líder sindical, um líder dos pobres. [...] Na indonésia, o preço da bala está no patamar dos milhões; na Guatemala dezenas de milhares. A morte de Lumumba danificou a dinâmica social do Congo, amordaçando sua história. O que custou matar Chokri Belaid (tunisiano, 1964-2013) e de Ruth First (sul-africano, 1925-1982), o que foi preciso para matar Amílcar Cabral (Bissau-guineense e cabo-verdiano, 1924-1973) e Berta Cáceres (hondurenha, 1971-2016)? O que significou sufocar a história para preservar a ordem dos ricos? Cada bala disparada derrubou uma revolução e deu luz à nossa barbárie atual. (PRASHAD, 2020, p. 17)

Estamos diante de um livro forte, que sozinho pesa mais que centenas de pesquisas esvaziadas nas universidades brasileiras perdidas em pós modernismos, positivismos e marxismos sem práxis. Pois bem, produzir materiais fortes expressando a práxis revolucionária é justamente o sentido da Batalha das Ideias que Fidel nos legou⁴!

Se o Império nos esmaga e mata levando sofrimento às periferias do mundo, resistências aparecem. Citando a passagem de Prashad sobre Ho Chi Minh na Guerra do Vietnã: “derrubem mais aviões dos Estados Unidos e estarei com a

4 Fidel é uma das muitas referências em comum que aparecem entre a *Tricontinental* e o *Prolecast*. O dossiê nº13 de fevereiro de 2019 da *Tricontinental*, foi base para formação dos quadros do *Prolecast*. Há outros intelectuais que discutem “A Batalha das Ideias”, mas foi uma opção teórica.

melhor saúde” (PRASHAD, 2020, p. 20). Exaltemos o legado de Ho, Giap e os vietnamitas! Mas, quando não vencemos, é sempre necessário levantar a memória dos que caíram. Pois, foi com a cabeça alta que se entregaram à luta: “Eu sou Revolucionário queniano, um ser humano que se levanta contra as guerras coloniais ilegais, meu sangue regará a árvore da independência” (PRASHAD, 2020, p. 35) disse Kimathi, líder queniano à sua esposa Mukami, antes de ser executado por agentes britânicos.

Na primeira parte sua abordagem tem como ponto de partida o *Super Man* e a “Liga da Justiça”, com perdão para licença poética, esmagando os “selvagens” e sua soberania. Ou seja, os Estados Unidos esmagando terras da América Central e as potências da Europa esmagando na Ásia e África. E se a burguesia é nossa inimiga de classe, imagina quando nos referimos à fração mais nojenta e entreguista dela: a dependente do capital estrangeiro. Sem nenhum escrúpulo desestabilizam políticas mundo a fora como no caso de Allende no Chile ou mesmo o caso recente da Bolívia⁵.

O autor busca a origem de toda falácia liberal sobre “liberdade dos povos” e “iluminação divina” chegando até meados do século XIX na Conferência de Berlim (1884-1885), na qual as potências imperialistas-capitalistas da Europa dividiram a África, e vai até o Pacto da Liga das Nações (1919), no qual essas nações imperialistas se denominavam “Nações amantes da paz”. As nações ungi-das por Deus para “civilizar o mundo” e “levar paz”. Claro que não sem balas e imposição de miséria e violência.

A política de propaganda anticomunista também é bem destacada, nas palavras de Henry Cabot Lodge Jr (embaixador dos Estados Unidos na ONU): “Pinte os soviéticos como imperialistas, novos colonialistas. Ela converte impiedosamente todos os territórios sobre os quais adquiriu domínio, em vassalos do Estado soviético” (PRASHAD, 2020, p.40), isso em 1953, ano que a CIA derrubou o governo democrático de Mohammed Mosaddeq do Irã⁶. Abordagem comum das

5 E a mídia liberal não demorou a se alinhar com fascistas e lá estavam BBC, El país, e outros jornais da imprensa liberal atacando a “ditadura de Evo”, e, no final, como vimos, a contestação eleitoral pela direita boliviana era fraude. E em plena pandemia do covid-19 bombardeavam notícias sobre desvios de recursos dos hospitais públicos para setores militares e elitistas bolivianos. Agora (2020), mesmo com a vitória de Luis Arce do MAS, em novo processo democrático, a direita se organiza como grupo terrorista e realiza atentado com dinamite contra o presidente eleito.

6 Inclusive, até hoje, esse marco assola o Irã com governos autoritários, ditaduras fascistas, perdas de direitos sociais. Algumas opções de cinema para essa situação são filme franco-iraniano *Persépolis* ou mesmo o drama iraniano *Tartarugas Podem Voar*. O livro de Samir Amin *Somente os povos fazem sua própria história* (2020) e o próprio *Estrela Vermelha sobre o terceiro mundo* (2019) de Prashad trazem ricas análises sobre o Irã.

mídias liberais o item “Fazer lobby junto à opinião pública” (PRASHAD, 2020, p. 71) é fator constante nos golpes do século XX, e aí o Brasil tem boa “representatividade”. O autor faz denúncias pelos três continentes desse desafio.

E enquanto estuda golpes e assassinatos de reputação até assassinatos nas vias de fato, não deixa de mencionar a mente liberal dessa façanha: Hannah Arendt. Sim sua publicação de obra em 1951 foi base teórica fundamental para consolidar o termo “mundo livre” do então presidente dos Estados Unidos, Henry Truman: “O “Mundo Livre” era o mundo liderado pelos Estados Unidos. O que os EUA defendiam era a liberdade; seus adversários eram as forças contra a liberdade” (PRASHAD, 2020, p. 52).

E foi em nome do “mundo livre” que os Estados Unidos apoiaram ditadores e fascistas que suprimiram revoltas populares, sindicatos, e fuzilaram e depois derreteram Lumumba no ácido, mataram Sankara, Che e outros e ainda tentaram matar Fidel Castro vinte e quatro vezes. Vale lembrar que o faz de contas liberal e pós moderno também não garante mínima liberdade interna à classe trabalhadora no coração dos impérios: Repressão ao movimento negro⁷, genocídio indígena, perseguição de sindicatos, cassação de partidos de esquerda e encarceramento das massas.

Em 1975, os vietnamitas haviam derrotado os EUA, e Portugal foi derrotado por suas colônias africanas. Cuba conseguiu sobreviver, apesar de todas as tentativas de derrubar aquele governo. Não há dúvidas de que a Revolução dos Cravos em Portugal não teria ocorrido para derrubar o Estado Novo, em 1974, sem as guerras de libertação nacional em Angola, Cabo Verde e Moçambique. Não há dúvidas de que, duas décadas depois, o regime do *Apartheid* da África do Sul não teria caído sem a vitória das forças de libertação angolanas, em aliança com os cubanos contra o regime da África do Sul na batalha de Cuito Cuanavale, em 1987-1988. A democracia em Portugal e na África do Sul foi tomada pelas armas. Não foi dada pelo liberalismo. Esta narrativa está agora enterrada. Tem que ser revivida. Não apenas os sons do campo de batalha, mas também as histórias dos médicos e técnicos,

7 O *Black lives matter* e pistoleiros atirando contra o movimento e a brutal repressão policial foi o exemplo mais recente. Mas podemos olhar a história dos Panteras Negros e de figuras como Malcolm X e Martin Luther King Jr, para ver que o problema se arrasta pelos séculos.

dos programas revolucionários de educação em Moçambique e Cabo Verde. A tentativa de construir uma nova sociedade a partir dos detritos da ordem colonial. Esta foi a energia revolucionária que agora está esquecida (PRASHAD, 2020, p. 59)

Na segunda parte o livro introduz o golpe estadunidense na Guatemala de Arbenz em 1954 e disseca o processo, porém foca muito mais em nove subcapítulos que se estruturam nesses dados para criar um “manual de como dar um golpe de Estado”.

Aqui vemos uma análise baseada em diversos processos de Golpes⁸ como os casos da Guatemala, de Allende no Chile, Lumumba no Congo e Nkrumah em Gana, até as tentativas fracassadas em Cuba, Vietnã e Venezuela. Há dois pontos centrais que não podemos ignorar: o papel que os intelectuais e a religião.

Intelectuais ligados com imperialismo voltam a ganhar destaque: Karl Popper e sua “teoria da verdade” e análise de “teorias da conspiração”, além do financiamento que a CIA, a Fundação Ford, e outros grupos empresariais dão para pesquisas acadêmicas de progressistas não (ou anti) comunistas, com objetivo foi fortalecer a presença de liberais dentro da própria esquerda.

A religião tem dois núcleos de análise: o cristianismo e o islamismo. No que tange ao cristianismo a perseguição, assassinatos e até violência sexual contra padres e freiras ligados à Teologia da Libertação na América Latina, por via de grupos fascistas locais e CIA, mas contando com sufocante silêncio conveniente do Vaticano⁹. E o islamismo foi alimentado tanto pelo capital saudita como pela influência imperialista para fortalecer o anti comunismo, como caso da Liga Mundial Islâmica (1962).

O FMI também ganha páginas e páginas de estudos, e justas são as palavras de Yanis Varoufakis, Ministro das Relações Exteriores da Grécia: “os golpes no período atual não são necessariamente de tanques; eles geralmente vêm de bancos” (PRASHAD, 2020, p. 135). Isso quando não são híbridos como o caso de Thomas Sankara de Burkina Faso, assassinado por enfrentar o FMI.

8 Interessante observar e refletir como a própria esquerda liberal brasileira requebra vários autores que servem de base para teorias imperialistas como os já citados Arendt e Popper.

9 Vijay denuncia: “Em 1983, o papa João Paulo II foi à Nicarágua, no meio da sua revolução, para atacar padres e seu rebanho por sua atração pela Teologia da Libertação” (PRASHAD, 2020, p. 101).

O primeiro tipo de golpe são os tanques, o segundo tipo são os bancos e o terceiro tipo são as ONGs. E são elas que agora dão as cartas. A operação segue exatamente a mesma cartilha apresentada na segunda parte do livro, só que em vez de golpes com figuras grotescas como Pinochet e Duvalier, a coisa pode ser resolvida com a logomarca de uma empresa ou ONG. Ou seja, para o tipo três de golpe se aplicar, normalmente precisa de uma pavimentação feita por militares ou pelo FMI.

Ao final Vijay traz páginas a detalhes documentados das tentativas de golpe na Venezuela, ao golpe jurídico no Brasil (com impeachment de Dilma Rousseff e afastamento de Lula) e ao golpe contra Evo Morales na Bolívia.

Com trecho da história de vida (e morte) do poeta Otto René Castillo (1934-1967), queimado vivo com sua esposa por militares estadunidenses e milicianos guatemalenses, Prashad encerra toda sua denúncia para abordar a questão das fontes e documentos. Eis um trecho da obra do poeta:

O mais bonito
 Para aqueles que lutaram
 Sua vida inteira,
 É chegar ao fim e dizer:
 Nós acreditamos no homem e na vida
 E a vida e o homem
 Nunca nos decepcionam (PRASHAD, 2020, p. 161)

É a história dos nossos camaradas ostracizados e esmagados, pela mídia, militares, bancos, igrejas e intelectuais dedicados ao capital e nada além.

Por isso *Balas de Washington* (2020) é sem dúvida uma leitura essencial. Vijay explica processualmente e visceralmente o labirinto que enfrentamos. Um livro de militante para militantes.

Esse livro, que ainda recebeu o cuidadoso prefácio de Evo Morales, foi lançado no Brasil pela Editora Expressão Popular, e ao compra-lo você ainda ajuda a organizar os movimentos aos quais essa editora se vincula como o Instituto Tricontinental e o MST.



Referências bibliográficas

PRASHAD, Vijay. Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos. Trad. Rafael Telemoto. 1ª Ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2020.